

# STARCRRAFT®

LEGACY OF THE VOID™



**BILZARD**  
ENTERTAINMENT

BLIZZARD ENTERTAINMENT

# Setor Seis

de Micky Neilson

Parecia que os gritos tinham durado uma eternidade.

Qualquer veterano sabia que se você enfiasse um cravo quente no duto de plasma de um morcego de fogo no ângulo certo, isso fritaria o sujeito dentro da armadura quando ele tentasse ativar o lança-chamas Perdição... uma lição sendo ilustrada pelo pobre coitado agitando os braços e saltando pelo "chão" de lama de Beta Saul, gritos de morte emanando dos alto-falantes externos de sua armadura laranja enquanto os servomotores mantinham-no em pé.

O comandante Dorian estaria mentindo se dissesse que não gostou de ouvir o pirata seboso gritar como um skalet no espeto.

Finalmente os gritos e pulos cessaram e a armadura desistiu de manter seu ocupante na vertical. O traje desabou para diante, desaparecendo em meio à névoa esverdeada.

O "ar" de Beta Saul, do chão à exosfera, era um coquetel tóxico de gases letais que se condensavam em visibilidade zero a cerca de um metro da superfície. Superfície que era um lodo grosso, rompido aqui e ali por pneumatóforos, alguns com cerca de dois metros, outros duas vezes maiores que um homem.

Do morcego de fogo só eram visíveis os tanques na traseira. Em algum lugar daquele charco jaziam mais três corpos, um dos quais usava um traje cravado com tachas tão antiquado que fazia a armadura CMC de Dorian parecer recém-fabricada; os outros dois usavam uma mixórdia de equipamento protetor que só podia ser chamado de "armadura" numa piada

particularmente mórbida. O módulo de transporte que trouxera aquele esquadrão suicida desaparecera no céu cor de bile.

"Vamos voltar?", perguntou Spanneti pelo alto-falante externo. Dorian se mexeu na lama, ajustando sua posição para poder ver o subordinado pelo visor. Ele e Spanneti eram os únicos dois que tinham se separado do Esquadrão Bruto. Spanneti fora atingido no parte superior direita — nada que Zimmerman, a médica, não pudesse tratar —, e o traje de Dorian se chamuscara quando o macaco com lança-chamas o atacara, fazendo piadinhas bestas... Mas Dorian tinha conseguido dar a última palavra: algo sobre preferir a carne bem passada.

"Sim, vamos..."

A voz cheia de estática da sargento-chefe Bekkin irrompeu na frequência criptografada do esquadrão. "Senhor, é Bek. O módulo era uma isca. Eles querem o pacote." Ela soava absolutamente, apropriadamente calma. Dorian a chamara de "fria" uma vez. E Spanneti, que mais de uma vez tentara se engraçar para cima dela, comentara que estava mais pra "frígida".

"Vai!" Dorian gritou para Spanneti. Os servomotores se ativaram e os dois homens saíram correndo pelo lodo grudento na direção do templo xel'naga, uma estrutura piramidal assomando em meio à névoa pútrida.

Então, outra voz irrompeu no ouvido de Dorian: "Esquadrão Bruto, aqui é o Comando. Relatório da situação, câmbio".

Como sempre, o Comando não servia para nada. Levaria mais tempo para Dorian explicar o que ele estava fazendo do que simplesmente fazer.

"O relatório da situação é 'estou ocupado'. Por que vocês não me dizem onde estão e qual seu tempo de chegada?"

Uma bufada. "Chegamos em dez minutos. Câmbio." O oficial de comando parecia irritadiço.

Mesmo com as capacidades da armadura, levaria um minuto para Dorian e Spanetti chegarem ao destino. Os dois terem ido até ali — só eles dois — tinha sido uma aposta

arriscada, mas Dorian gostava de riscos. Fazer tudo como nas instruções dos livros, afinal, era para novatos. Os "peritos" que escreviam os livros jamais tinham encarado o cano de um rifle de assalto AGR-14.

Às vezes bastava usar o bom senso. Ao receber a informação de contato com o inimigo, Dorian suspeitara de trapaça. Por que o módulo de transporte tinha passado bem por cima do posto de Spanneti? O piloto queria ser visto, para atrair o inimigo para longe do objetivo real dos piratas: a relíquia.

Era sempre alguma relíquia. Ou artefato. Ou algum item com um nome impronunciável e um propósito que ninguém conhecia.

Essa relíquia não era exceção. Era antiga, muito, muito antiga, e isso era tudo o que Dorian sabia. Todas as operações da firma tinham vários níveis de sigilo. A "gerência", ou seja, a Fundação Moebius, se especializava, entre outras coisas, em pesquisa arqueológica de espécies alienígenas há muito extintas. No passado o chefe deles fora Arcturus Mengsk, e a equipe era composta integralmente por soldados da Supremacia. Mas depois de alguns apertos de mão secretos e encontros a portas fechadas, o Esquadrão Bruto tinha sido transferido para a Corporação Moebius, o braço militar da Fundação.

Assim, a Fundação Moebius dava as cartas. Quando batedores avançados encontraram aquele templo alienígena, de uma raça com milhares de anos conhecida como xel'naga, o Esquadrão Bruto fora enviado para localizar e coletar a relíquia em seu interior. Tudo muito simples. Afinal, os batedores informaram que o planeta não era habitado e que o templo estava abandonado... E estava, até o "Clube dos Cafajestes" (os piratas tinham o hábito de escolher os nomes mais babacas) aparecer.

Dorian e Spanneti se aproximaram da entrada sul da estrutura alienígena. Podiam ouvir o tiroteio, então barulhos altos percussivos, seguidos por três explosões de sacudir os dentes. Se Dorian estivesse certo, a artilharia pesada era obra do especialista Cranston, demolidor — um profissional blindado que lançava granadas de punição como um soldado de folga lançando créditos em um bar de strip.

Ao chegarem à base do templo, Dorian viu o módulo de transporte do Esquadrão Bruto pousado onde eles o tinham deixado, a vários metros da entrada da estrutura, para o lado. Também havia outra nave ali, um velho calhambeque. Dorian teve que admitir que os "Cafajestes" não eram tão burros assim: eles tinham posicionado sua nave em um ângulo oposto ao módulo da Moebius, e estavam usando as armas a bordo, além de suprimir os disparos atrás da nave, mantendo a tripulação de Dorian presa na entrada do templo. Uma clássica manobra de "Zeus" (o nome do líder arrogante dos piratas). O Esquadrão Bruto e Zeus já tinham se cruzado várias vezes nos últimos anos. Infelizmente o pirata sempre conseguia fugir... geralmente ao custo de muitas vidas dos Cafajestes. Mas ele sempre conseguia arranjar mais recrutas.

Claramente, naquele caso, os piratas tinham esperado atrair a maior parte das forças de Dorian para longe. Afinal, que líder de esquadrão usaria apenas dois soldados para enfrentar um módulo cheio de inimigos?

Por trás do visor, Dorian sorriu. Um líder de esquadrão que pensava adiante.

E agora ele estava um pouco para trás... atrás da posição coberta dos piratas, no módulo da Moebius.

Um sinal de mão de Dorian fez Spanneti parar. Os dois ergueram as armas e descarregaram nos piratas, estraçalhando os pobres cretinos bem onde os três tinham se aglomerado perto do módulo — e sim, abrindo alguns buracos na blindagem externa e no trem de aterrissagem da nave da Moebius.

Dorian, Spanneti, Bekkins e Cranston largaram o dedo no calhambeque. Até o recruta Hopper, o membro mais jovem e avesso a riscos do esquadrão, estava disparando de um ponto protegido. A blindagem da nave não aguentaria muito, e o piloto sabia. A fumaça do motor envolveu Dorian e depois pintou volutas verde-limo no céu enquanto a nave decolava, estabilizava e desaparecia como um fantasma na névoa.

Spanneti foi ver como estavam os outros. Zimmerman já estava com eles para dar atenção médica se fosse preciso.

"Comando", disse Dorian, depois de ativar a frequência criptografada. " Parece que a festa acabou." Ele voltou até o módulo do esquadrão e olhou para os dois corpos no chão. "Nós vamos..."

*Dois corpos?*

Era para haver três. Um deles estava usando armadura CMC. Ele devia ter sobrevivido.

Uma voz rouca de barítono interrompeu a frequência. "Você me acertou, comandante. Mas não deu pra me tirar do jogo. Era pra você estar morto. Você e seus soldadinhos de brinquedo. Mas você não seguiu o protocolo, não é? Não como os outros robôs leais da Supremacia... Eu vou me lembrar disso. Para a próxima vez."

A voz pertencia a Zeus. Era ele na armadura CMC. Dorian podia ter acabado com ele. Ele tivera o pirata escroto bem onde ele queria. E agora ele estava fugindo. De novo.

*Sem chance.* Considerando o terreno, só havia uma direção para onde Zeus podia ter corrido sem ser visto.

"Comando, aqui é o líder do esquadrão. Perseguindo o suspeito Zeus. Repetindo..."

"Negativo, líder do esquadrão. Se o alvo está seguro, sua única prioridade é a coleta. Câmbio."

Dorian podia ter usado a velha pegadinha do "O quê? A ligação tá falhando!", mas depois das primeiras vezes seus superiores tinham ficado espertos. Daquela vez ele nem se incomodou em responder.

Spanneti fez um gesto, perguntando se Dorian queria backup. O comandante fez que não. Não tinha sentido *todo mundo* levar reprimenda por ele estar desobedecendo ordens.

Ao chegar a uma esquina inclinada da pirâmide, Dorian viu a silhueta de Zeus em campo aberto, com a arma levantada. Zeus disparou. Dorian disparou. Cravos assobiaram no ar à esquerda do comandante, chegando perto. O disparo de Dorian raspou no braço esquerdo, ombro e elmo do traje do pirata, bem quando um vulto enorme se aproximou, espalhando



nuvens pútridas ao descer. Em seguida, o calhambeque bloqueou a linha de fogo de Dorian, e Zeus aproveitou para entrar na nave.

Dorian continuou a disparar, mas os cravos ricochetearam na blindagem pesada da nave enquanto ela subia e desaparecia no miasma.

\*\*\*

Horas mais tarde, o comandante Dorian estava olhando pela janela de um táxi planetário. Asteroides, alguns do tamanho de motos-abutre, outros do tamanho de cruzadores, apareciam e desapareciam, frequentemente passando perto demais da nave.

O computador de bordo tinha sido programado com uma rota de voo bem específica para navegar no cinturão, conhecido como "Revanscar". Um erro de um metro podia resultar em perda de integridade, o que era um modo gentil de dizer que a nave seria feita em pedaços por uma dessas rochas espaciais e que todos os ocupantes, incluindo o Esquadrão Bruto, ficariam à deriva no cinturão de asteroides, que era o que restava do planeta Revan.

Agora que ele tinha pensado nisso, não conseguia tirar a imagem da mente: Dorian e os membros da sua equipe flutuando entre os destroços, expectativa de vida por volta dos noventa segundos no vácuo — menos, se fossem pulverizados por um projétil de pedra viajando a quase vinte e cinco quilômetros por segundos. E a carga preciosa, o item pelo qual eles arriscaram a vida, quanto ela duraria? Talvez mais do que qualquer um deles. Afinal, ela tinha sobrevivido até ali. Talvez ela encontrasse seu lar final no vácuo frio e silencioso.

O piloto anunciou que chegariam às instalações da Fundação Moebius em breve. Uma olhada pela janela confirmou que estavam se aproximando da enorme rocha que servia como base de operações da Corporação Moebius. Ao se aproximarem, o comandante pôde ver melhor a instalação, que dominava quase metade da massa da rocha. A base era composta de estruturas de novoaço planas que se espriavam do núcleo como os dedos da mão de um gigante.

A nave passou por várias torretas e foi conduzida até o estaleiro, preparando para aterrissar. Foi tudo bem rápido. Dorian estava ansioso para se livrar da carga e se apresentar ao major Braxton para a próxima missão da equipe. Seja lá qual fosse.

\*\*\*

"Esqueça Braxton", berrou o tenente-coronel Sparks. Dorian estava vendo que Sparks berrava tudo que tinha pra dizer, assim como todos os oficiais a que ele já fora subordinado. "Agora você se reporta a mim."

Dorian já começou odiando o sujeito. Ele não entendia por que aqueles soldadinhos de poltrona usavam desprezo e desrespeito para estabelecer superioridade.

"Sim, o major falou muito bem de você — falou muito do seu histórico operacional. Sabe o que eu acho? Acho que ele não estava se aguentando pra passar você pra outra pessoa! Acho que foi por isso que Arcturus entregou você para a Moebius antes de esticar as canelas: pra se livrar de peso morto! Medido em taxa de sucesso, sim, você é uma estrela. Mas se formos ver as medidas disciplinares que você acumulou, você não passa de um verme encrenqueiro."

A mesa do tenente-coronel era imaculada como o resto do seu escritório. Dorian achava que se passasse o dedo pelos muitos troféus que adornavam a parede de Sparks, não sairia poeira nenhuma. Os únicos itens em sua mesa eram um holoprojetor e um controle remoto fino e pontiagudo, e os dois itens tinham sido colocados *direitinho no lugar*.

"Bom, adivinha só?", continuou o velhote, andando de um lado a outro atrás da mesa enquanto Dorian se postava com as mãos atrás das costas diante dele. "Agora você é problema meu. Eu *não gosto* de problemas, comandante!"

Dorian pensou que o controle remoto estreito de ponta afunilada serviria para perfurar alguém. Era longo o bastante para talvez chegar ao cérebro do tenente-coronel, se Dorian o enfiasse em seu olho.

Dorian se distraiu com a visão de Sparks convulsionando no chão, agarrando o controle enfiado em seu rosto, sangrando e babando em seus painéis imaculados.



"E então?", gritou Sparks.

"Senhor?", respondeu Dorian. Ele não tinha percebido que tinha começado a divagar, ignorando completamente o velho buldogue. Sim, ele fantasiava sobre esganar as pessoas de vez em quando, mas nunca com tantos *detalhes*.

"Eu perguntei se você faz alguma ideia de por que eu não entrego sua carcaça imprestável para algum outro infeliz. Pelo jeito a resposta é não. O motivo, meu amigo ignorante, é que eu estou sem pessoal. Então adivinhe só qual será a missão da sua equipe de estrelinhas?"

"Não faço ideia, senhor."

Sparks tinha parado de andar. Ele pôs uma das mãos no quadril e apontou para Dorian com o dedo indicador da outra, como o maxilar protuberante do tenente-coronel.

"Você agora é da equipe de segurança. Aqui mesmo na base. Setor Seis. Divisão de Pesquisa Avançada."

Equipe de segurança? Ele estava falando sério? Ficar de babá do pessoal do jaleco e aquelas porcarias experimentais? Proteger os projetos — e eles — de quem ou do quê? Ninguém conseguiria atravessar aquele campo de asteroides.

"Isso não empolga você, tenente? Não deixa você feliz? Bom, tanto faz, porque eu não dou a mínima! Pode apostar seu rabo que o velho Braxton, seja lá qual for a nova missão ultrassecreta que ele pegou, está rindo da sua cara."

Dorian não duvidava nem por um segundo daquilo.

\*\*\*

"Mas que porcaria é essa?" Spanneti estava irritado, jogando os braços para o ar, com o rosto vermelho. "A gente não é segurança!"

Spanneti tinha sorte de poder mexer os braços. Zimmerman fizera um bom trabalho consertando seu membro ferido. Claro, ela já havia cuidado de ferimentos bem piores ao longo dos anos.

O recruta Hopper se inclinou para diante e apoiou os cotovelos nos joelhos. "Eu não gosto disso nem um pouco. Tem algo acontecendo aqui e eles não estão dizendo." Dorian costumava dizer que Hopper tinha medo da própria sombra. "Isso é mau sinal", continuou. "Vão tirar a gente da corporação."

Hopper deu uma olhada significativa na direção de Dorian. O moleque não tinha dito nada. De fato, ninguém disse nada, mas...

"Isso é porque você foi atrás do tal pirata, o Zeus?"

Zimmerman não tinha medo de fazer essa pergunta. Ela estava recostada com os braços cruzados, olhando para Dorian com desaprovação. Todos sabiam que Dorian costumava... desagradar o Comando. Desde os dias da Supremacia. Pontadas de culpa acoossaram o peito do comandante. Sua cabeça, que já pulsava com uma dor de cabeça terrível, doeu ainda mais.

"Todo mundo sabe que o Braxton não gosta de mim", respondeu Dorian. "Quase desde o começo. E, sim, talvez seja alguma vingança. Mas o que eu sei é o seguinte: vocês são os melhores no que fazem", continuou, apontando para a equipe.

Dorian olhou para cada um por vez, sentados ao redor da mesa na sala de descanso. Zimmerman não parecia acreditar. Spanneti aqui escia com a cabeça. Hopper se mexia, inquieto. Cranston — que tinha sido "frito" ou "neuro-ressocializado" — olhava para ele com olhos arregalados e um princípio de sorriso nos lábios. E Bekkins — Bekkins era Bekkins. Impossível de interpretar como sempre. Ela massageava a têmpora com um dedo, o que fez Dorian se perguntar se ela também sentia dor de cabeça. E... ela estava um pouco suada. Dava para ver em seus braços nus e em seu torso. Dorian e o resto do esquadrão usavam camisetas de manga cavada e shorts. Apesar disso, a sala parecia mais quente do que o normal. Dorian sentiu uma gota de suor descendo pela têmpora.

"Zimmerman", continuou Dorian, "você vai ajudar a equipe médica do Setor Seis durante esse período. O resto, como eu disse: vocês vão ficar de segurança. Aguentem firme. Quando Sparks tiver se divertido o suficiente, vamos voltar a campo pra arregaçar geral."

Ele não fazia ideia se aquilo era verdade, mas soava como a coisa certa a dizer. Spanneti se manifestou. "Você livrou a nossa cara em Braxis... fez a gente vencer em Korhal, na Estação Ghobi, Pantera Prime... Pô, se não for pra confiar em você a essa altura, melhor esquecer então." Um a um, os outros aquiesceram — até Zimmerman, embora ela fosse a última.

Dorian sorriu. Era bom saber que a equipe tinha fé nele, não importava o que o Comando pensasse. "É isso que eu gosto de ouvir, Esquadrão Bruto."

O comandante encerrou a reunião quando a dor de cabeça ultrapassou os limites.

\*\*\*

As primeiras quarenta e oito horas foram tediosas. Dorian não conseguia obter uma resposta direta de Sparks sobre quanto tempo a nova missão duraria. O comandante esperava que fosse um período de seis meses, que era o padrão, mas na Corporação Moebius não havia como garantir isso.

As dores de cabeça e febres eram constantes, mas não havia os sintomas costumeiros de gripe, por isso Dorian decidiu ignorá-los. Os outros sentiam o mesmo, mas como não estava afetando o trabalho, deixaram por isso mesmo.

O mais bizarro foi o guinchado agudo e estridente que o acordara na noite anterior — um barulho que ele nunca escutara antes. O equivalente mais próximo que ele conseguia pensar era o som de bipe contínuo que as máquinas dão quando o paciente morre. O barulho o acordou, mas cessou poucos segundos depois.

Não havia nada no quarto ou no corredor do quartel quando Dorian olhou pela porta. Imaginou que fosse um sonho do qual não conseguia se lembrar, mas ao se ver postado no Portão Quatro do Setor Seis, já não tinha tanta certeza. Dorian não conseguia esquecer aquilo, e podia jurar que o som tinha continuado brevemente quando ele já estava acordado.

Dorian queria muito que eles tivessem ligado o ar condicionado. E o uniforme tático que ele estava usando não ajudava em nada. A blindagem era mínima, mas se ele estivesse usando

um traje CMC completo, pelo menos poderia controlar a temperatura interna. Viu a hora no visor do capacete e temeu as próximas duas.

Foi quando os gritos começaram.

Não eram gritos como o do seu sonho (se é que tinha sido sonho mesmo). Eram gritos bem humanos, o tipo de grito horripilante emitido por pessoas que estavam prestes a morrer ou que acreditavam para além de qualquer sombra de dúvida estar prestes a morrer. Dorian tinha ouvido aquilo muitas vezes — geralmente o som era interrompido por tiros.

*Thoom! Thoom!*

E eram mesmo tiros.

Dorian já estava em movimento, passando o crachá no sensor da parede para liberar a porta, e atravessou-a correndo. Com o cabo do rifle aninhado no ombro, verificou o hall, apontando o cano de um lado a outro. Livre. Seguiu adiante.

Uma técnica do laboratório vinha correndo de uma sala mais distante, com a boca aberta e os olhos arregalados de terror, quase escorregando no assoalho ao passar por ele.

Outro grito veio da sala de onde ela tinha saído. Outro tiro. Silêncio.

Dorian avançou. Um homem de cabelos grisalhos em um jaleco branco estava perto de uma estação de trabalho, olhando para o corpo imóvel de outro técnico cujo sangue se esvaía no chão de metal polido. O homem encarava a vítima com expressão vazia, de boca fechada, segurando uma arma compacta que Dorian nunca tinha visto.

O comandante continuou em frente, esperando que o técnico olhasse para ele e erguesse a arma. Dorian daria dois disparos curtos, um no peito e um na cabeça — mas esse momento não veio. Aproximou-se, e o homem olhou para ele. Algo perpassou os olhos do homem de jaleco: parecia um certo... reconhecimento. Mas então o cretino sorriu e disse...

"A sombra dele... aumenta."

Dorian respondeu golpeando o maluco no queixo com o cabo do rifle. Um alarme de emergência soou quando o velho soltou a arma e caiu sobre sua estação de trabalho. Seu corpo derrubou alguns equipamentos pelo chão, e então parou de se mover.

\*\*\*

"A arma era um rifle de plasma experimental". Sparks estava em pé, atrás da mesa, com as mãos nos quadris. "Ele a roubou de outro setor da base."

Dorian estava na posição militar de descansar, de pé, com as mãos para trás e o cenho franzido. "Ele a levou para o Setor Seis. Para atirar no pessoal... ao acaso, pelo jeito." Mais cedo, o comandante tomara algumas pílulas para dor de cabeça que não tinham diminuído nem um pouco a enxaqueca que o açoitava. Vermes. Era como se vermes estivessem escavando buracos em seu cérebro... Era pior do que qualquer dor de cabeça que ele já experimentara. Ajudaria muito se a sala não estivesse tão insuportavelmente quente.

"Bom, esse é um trabalho para os investigadores, não é", respondeu o tenente-coronel. "Você não é um investigador." Sparks se apoiou na mesa com as duas mãos, como se reivindicasse o móvel para si. "Você é agente de segurança. Um agente de segurança que deixou das pessoas morrerem em seu turno."

"Talvez pudesse ter sido evitado", retrucou Dorian, "se alguém do meu pessoal pudesse ter ficado *dentro* do setor."

"Vocês vão ficar onde nós mandarmos", rebateu Sparks.

"Seja lá o que fez o velho enlouquecer... tinha algo a ver com o trabalho dele? Há risco de outro incidente?"

Sparks respondeu que todos os oficiais no Setor Seis usariam armas de agora em diante. Então ele prosseguiu falando as bobagens padrão sobre níveis e protocolos de segurança e a velha pérola do "sigilo absoluto". Era verdade; o Setor Seis era mais do que secreto. Ninguém sabia quais trabalhos eram conduzidos no interior das instalações, embora os rumores falassem de experimentos em xenobiologia.

O Sparks continuou a matraquear e uma imagem invadiu a mente de Dorian: o tenente-coronel, exatamente onde ele estava, mas sem pele. O comandante imaginou a cena em detalhes vívidos: sem roupas ou cabelo, só músculos, tendões, e veias pulsantes... Sparks tirou as mãos da mesa, e na mente de Dorian, deixou duas marcas sangrentas no tampo.

Dorian fechou os olhos e contou até três. Abriu os olhos e viu o rosto de Sparks franzido como se Dorian fosse um naco de comida nojento que o tenente-coronel tivesse regurgitado.

"Acho melhor ver um médico", disse o tenente-coronel, fazendo parecer com uma acusação. "Você está com uma cara horrorosa."

\*\*\*

Dorian estava em seu quarto, tentando descansar, quando a cabeça holográfica de uma adjutora robótica apareceu em sua mesa, informando que a sargento-chefe Bekkins pedira para falar com ele nos aposentos dela.

O quarto de Bekkins era uma caverna gélida. Parecia a temperatura do quarto de Dorian, que, junto com os analgésicos para a dor de cabeça, era o que tinha lhe permitido continuar a trabalhar. Quando Bekkins atendeu, Dorian viu que ela estava pálida e suarenta, metida em shorts e camiseta cavada apesar do ar gelado. Ela voltou para a cama e se sentou, e Dorian sentou-se em frente a ela em uma cadeira.

"Tem alguma coisa errada", disse ela. Seus ombros estavam caídos para diante e ela coçava o braço esquerdo. "Eu não sei o que está acontecendo, mas... eu estou vendo coisas pelo canto do olho. Movimentos, sombras, coisas que não estão lá." Olhou para ele e, pela primeira vez, alguma emoção se traiu em seu rosto. Era sutil, mas estava lá.

Medo.

"Minha pele está formigando. Eu estou ouvindo coisas" continuou. "Coisas atrás das paredes. Raspando. Às vezes... são gritos. Gritos longos, e eu não faço ideia de onde estão vindo. Eu já não durmo há algum tempo. Fica pior quando eu durmo... as coisas com que eu sonho. As coisas que eu faço... nos sonhos."

Dorian esperou um pouco até responder. Dava para notar que ela precisava desabafar. "E não sou só eu", continuou. "Os outros também estão assim, mas não está tão forte. Exceto Cranston, talvez... Não dá pra saber por causa dos procedimentos. Quantas vezes apagaram o cérebro dele?"

Dorian deu de ombros. Os boatos diziam que a primeira ressocialização neural de Cranston não tinha "pegado" e que por isso tiveram que repetir o procedimento. Algum cretino sugeriu que a operação tinha sido repetida outras vezes, o que resultou em dano cerebral permanente. Ninguém na equipe sabia a verdade, nem Dorian. Tudo o que o comandante sabia é que Cranston era um soldado eficiente.

Bekkins continuou. "Isso tudo começou quando a gente pegou aquele negócio em Beta Saul. Fui eu que localizei, peguei e carreguei aquilo pra fora... Achei muito sinistro. Não gosto nem de pensar."

"Já examinaram você?", perguntou Dorian.

Bekkins sacudiu a cabeça. "Ainda não. Tem coisas que... eu não quero que o Comando saiba. Não quero ser demitida por problemas psicológicos."

"Ok", respondeu Dorian. Ele escolheu as palavras com cuidado. "Eu também tenho andado meio... esquisito. Quero que você seja examinada, pelo menos esses sintomas físicos. O resto do esquadrão também. Talvez... talvez tenhamos contraído alguma coisa lá... mesmo com os trajes. Eu não sei. Ou na volta. Talvez eles consigam resolver isso..."

Um trinado veio da mesa perto do comandante. O holoprojetor exibiu uma cabeça de adjutora. "Sargento-chefe Bekkins, chamada de áudio do recruta Hopper".

"Atender", respondeu Bekkins.

A voz de Hopper saiu da base do projetor. "Sargento-chefe, é o Hopper. Você viu Spanneti?"

"Eu achei que ele estava de guarda", disse Bekkins, olhando com expressão de dúvida para Dorian. Ele confirmou com a cabeça.



"Sim, eu vim vendê-lo" disse Hopper, "mas ele não está aqui. Ele não costuma abandonar o posto. Estou meio preocupado..."

Hopper sempre se preocupava. Mas Dorian achou que daquela vez havia motivos reais para preocupação.

\*\*\*

Quando Dorian chegou, Hopper estava andando nervosamente em frente ao Depósito B, onde ele deveria render Spanneti. Era no Depósito B que a relíquia que tinham recuperado de Beta Saul era mantida.

"Você encontrou ele?", perguntou Hopper, enxugando o suor da testa.

Dorian ficou olhando para a porta. Pensar no que havia por trás dela o deixou temporariamente paralisado... hipnotizado. "Não", respondeu. E, sem pensar no que fazia, aproximou-se da porta e passou o crachá no leitor.

"Você... você não pode entrar aí", disse Hopper.

"Eu sei", respondeu Dorian, e a porta se abriu.

O comandante entrou e a porta se fechou atrás dele. Era uma sala de tamanho médio sem mobília, banhada em luz branca que vinha do teto. No centro, um pódio; a relíquia flutuava acima dele. Era bem simples: um poliedro retangular negro com metade da altura de Dorian, com beiradas que se afunilavam levemente no meio e curvadas de um jeito que parecia um pouco... errado. Não parecia nada especial. E lá estava Spanneti, a um metro de distância do objeto, encarando-o.

Ele não deu sinal de dar pela presença de Dorian. Spanneti estava parado com a cabeça inclinada, braços abaixados, olhando fixamente como se estivesse perdido em hipnose profunda. Seu rosto sem expressão e sua postura fizeram Dorian lembrar do técnico de laboratório enlouquecido olhando para a vítima no chão.

"Spanneti", disse Dorian.

Sem resposta.

"Spanneti!", mais alto dessa vez, fazendo sua voz ecoar nas paredes.

O soldado piscou, ergueu a cabeça e olhou para trás.

"Ah", disse ele. "Ah, oi, senhor."

"Hopper veio render você há quinze minutos", disse Dorian.

Os olhos de Spanneti ainda estavam distantes, como se ele estivesse sonhando acordado.

Ele engoliu em seco e disse: "Acho que eu, ahm, perdi a noção do tempo."

Dorian olhou para a relíquia. Havia qualquer coisa de estranha nela. Algo indefinível em sua superfície de ônix que falava de vastos abismos entre as estrelas.

Com muito esforço Dorian tirou os olhos do objeto. "Você não pode entrar aqui", disse ele ao soldado.

"Sim senhor, senhor", respondeu Spanneti. "Eu não... eu estou encrencado?"

Dorian se virou e passou o crachá. "Não", respondeu. "Mas você vai ser examinado agora mesmo."

\*\*\*

O Esquadrão Bruto recebeu medicação contra gripe. Dorian suspeitava que a maioria (se não todos) no grupo sabiam que estavam infectados com algo bem mais maligno que resfriado.

Ele queria falar com o técnico insano, que estava preso em alguma cela no Setor Seis. Não se surpreendeu quando o tenente coronel Sparks se recusou a dar permissão para ver o sujeito.

Mas Dorian sabia como superar esses obstáculos. Naquele caso, ele precisava de um cúmplice. Alguém do lado de dentro.

Levou quinze minutos para convencer a tenente Zimmerman de que seus motivos eram razoáveis. Zimmerman era uma das médicas-chefe no Setor Seis e tinha nível de acesso

mais alto que Dorian. Ela também era a profissional médica responsável por cuidar do professor Benz (esse era o nome do técnico enlouquecido).

Zimmerman estava vendo e ouvindo coisas, o que a deixava em um perpétuo estado de confusão. Ela reagira com um regime de tratamentos: um coquetel de drogas que ela mesma preparara e que reduzia os "sintomas", embora a deixasse letárgica. Vinha administrando uma variante desse coquetel em Benz. A condição do professor era crítica, segundo ela relatara. Zimmerman não deu mais detalhes, dizendo apenas que não tinha conseguido identificar a causa do problema mas suspeitava da relíquia e dos experimentos com alienígenas vivos que ocorriam nas câmaras mais secretas do Setor Seis, numa área chama "Ala Negra".

Dorian quis saber onde ela obteve aquelas informações. Sobre a relíquia, Zimmerman soube que o professor Benz era o principal técnico responsável por analisar o objeto. De acordo com sua pesquisa, o velho não tinha demonstrado sinais de hostilidade antes desse projeto. Quanto ao resto das informações, Zimmerman tinha feito um "amigo" no refeitório, alguém da equipe de segurança que parecia gostar dela. O trabalho dele era vigiar as várias câmeras de segurança do Setor Seis. Na Ala Negra, dissera ele, *não havia câmeras*.

Embora Zimmerman não achasse que seu admirador tinha sido "afetado", ele mostrava alguns sinais de paranoia. A médica, no entanto, achava que as suspeitas dele não eram de todo infundadas. Seus superiores a vinham vigiando de perto e duas vezes já haviam administrado avaliações psicológicas que podiam impedi-la de trabalhar. Seu pretendente também passara pelos testes, e os dois achavam que as avaliações eram necessárias para os funcionários principais do Setor Seis. Quanto aos superiores, todos os oficiais de alta patente tinham começado a usar um dispositivo no ouvido. Zimmerman não tinha certeza do que se tratava, mas algumas pessoas chamavam aquilo de "filtro psi".

Durante a conversa, a médica expressou relutância em cooperar com o plano de Dorian. No final, acabou concordando que o risco de não agir era mais sério que qualquer castigo. Tinha alguma coisa muito, muito errada... e era hora de buscar algumas respostas.

\*\*\*

Não havia câmera na cela de Benz. Havia câmeras fora, e nos corredores da Ala Iso e do Setor Seis. Zimmerman mencionara com Watkins (esse era o nome do seu pretendente do refeitório) que estaria levando um especialista externo até a cela de Benz para um diagnóstico mais completo. Graças ao interesse de Watkins, Zimmerman sabia quando ele estaria "disponível" e quando estaria no posto.

E assim a médica e Dorian sabiam que Watkins provavelmente estava assistindo a eles avançando pelo labirinto de corredores, indo em direção à Ala Iso, saindo do Setor Seis. Embora Dorian não tivesse visitado aquele setor, ele sentia que o labirinto se aprofundava, que em algum lugar estava o centro negro da instalação, esperando como uma aranha gorda na teia.

A maioria dos técnicos não ergueu os olhos de suas estações de trabalho, e as poucas pessoas com quem cruzaram não pareceram prestar atenção em Zimmerman e no homem de jaleco branco que a acompanhava. Ainda assim, a médica estava nervosa, e disse bruscamente a Dorian que estava ansiosa para terminar logo com aquela pequena aventura. Apesar dos nervos, ela parecia melhor que Bekkins. Zimmerman oferecera algumas doses do coquetel ao Esquadrão; Dorian tomara algumas e distribuíra frascos para os outros. O comandante teve que admitir que a dor de cabeça diminuiu, tornando-se um mero desconforto persistente.

Finalmente chegaram à cela e Zimmerman passou o crachá no leitor. A porta se abriu. Dorian entrou e a médica ficou esperando do lado de fora.

A cela tinha paredes sólidas em três lados. Uma janela ia do chão ao teto, de frente para o corredor, ocupando três quartos da parede restante, onde havia uma porta, que Dorian atravessou. Havia uma única cama saindo da parede oposta, e um vaso sanitário ao pé da cama.

As luzes do teto revelaram uma série de símbolos que tinham sido feitos nas paredes brancas. Pareciam desconexos a princípio, mas quanto mais Dorian os observava, mais percebia que se assemelhavam a alguma linguagem hieroglífica primitiva. Parecia haver um padrão, uma ordem sequencial — pequenos elementos que apareciam e depois se repetiam em outra parte —, embora Dorian não reconhecesse os símbolos. Apenas um era

identificável. Era o maior deles, e dominava o espaço da parede acima da cama de Benz: uma figura em pé, com muitos membros, parecida ao mesmo tempo com um protoss e um zerg. Essa ilustração, como as outras, tinha sido feita em tons variados de vermelho.

Benz usava um macacão branco de tamanho errado. Ele estava agachado perto da cabeceira da cama, na parede do lado oposto a onde Dorian estava. De onde o comandante estava, só conseguia ver as costas do velho, que parecia ocupado com alguma coisa na parede, certamente acrescentando detalhes à gigantesca composição.

"Professor Benz," disse Dorian. O homem não respondeu. Pelo movimento do ombro direito, parecia que o professor havia tocado seu próprio rosto e então levado a mão de volta à parede.

"Professor!" gritou Dorian.

O velho se virou apenas o bastante para olhar para o comandante. Seu rosto estava escavado com arranhões profundos. Seus olhos arregalados tinham afundado nas órbitas. Seu rosto e aparência geral se mostravam esqueléticos, e seu queixo mal escanhoado e a frente do macacão estavam encharcados de vermelho. Benz enfiou o dedo rubro na boca, mexeu um pouco, depois retirou o pincel improvisado e voltou à pintura.

Dorian viu dois dentes aos pés do professor, e percebeu com repulsa que o velho estava usando os alvéolos vazios como tinteiros macabros. Ele se lembrou de Zimmerman dizendo que a condição do técnico era "crítica". *É, acho que dá pra chamar disso.*

Dorian se aproximou de Benz, que estava acrescentando qualquer coisa indecifrável à pintura. O comandante notou que os braços do professor estavam marcados por feridas iguais às do rosto.

"Professor, eu quero fazer umas perguntas", disse Dorian. Ele olhou para trás, para onde Zimmerman estava. Se ela queria parecer natural, estava fracassando, pois seus olhos ficavam indo de um lado a outro do corredor, sem cessar.

"A sombra dele...", o velho começou a dizer.

"...Aumenta. Sim, eu sei", disse Dorian, se voltando para ele. "Você disse isso antes. Sombra de quem? Alguém forçou você a... fazer aquilo?"

Benz continuou em uma voz rouca e baixa, chiando com a falta dos dentes, um dos quais era um incisivo superior. Dorian teve que se esforçar para ouvir e compreender as palavras do velho. "O Eterno... vê tudo. Obediência será recompensada. Resistência... será punida."

"Quem é o Eterno?", insistiu Dorian, se aproximando.

Benz parou de desenhar. Ele se virou, foi até a cama, se inclinou e passou os dedos de forma reverente sobre o desenho de uma estranha forma de vida.

"O mensageiro dele."

Dorian olhou para o desenho tosco. "Esse é o mensageiro dele? O Mensageiro do Eterno?"

"Eu... obedeco", disse Benz à imagem. "Eu obedeco. Eu obedeco. Eu obedeco..."

Batidas ríspidas na janela fizeram Dorian se sobressaltar. Ele olhou e viu Zimmerman apontando para o pulso, pedindo pressa. Dorian aquiesceu. Sim, quanto mais ficassem ali, maior seria o risco de serem flagrados.

Dorian foi até a saída, lançando um último olhar para a divindade (ou mensageiro, ou seja lá o que fosse) desenhada em sangue e o devoto aos seus pés.

Zimmerman suava profusamente quando partiram, olhos frenéticos dardejando em todas as direções. Ela e Dorian fizeram o caminho de volta sem incidentes e estavam a poucos metros do Depósito B quando um som de trinado fez com que ambos parassem.

Era o telefone de Zimmerman. A médica e o comandante se entreolharam. Zimmerman obviamente relutava em atender. Respirando fundo, ela pegou o dispositivo do bolso, apertou um botão e disse: "Aqui é Zimmerman", numa voz levemente rouca.

Dorian ouviu alguém falando do outro lado. Seja lá o que estivesse sendo dito, parecia urgente.

"Sim, senhor", disse Zimmerman, e desligou. Ela se voltou para o comandante. "Houve um incidente na sala-estaque. Depois eu falo com você." Zimmerman devolveu o telefone ao bolso e saiu correndo.

\*\*\*

Quinze minutos depois, quando Dorian encontrou Bekkins perto do Depósito B, ela parecia melhor. Mas ele não quis arriscar que os sintomas recrudescessem.

"Pode ir, Bek. Vim render você", disse ele.

Havia arranhões cicatrizando nas costas das mãos da sargento. Seu rosto estava limpo, no entanto, e seus olhos pareciam focados. "Tem certeza?", perguntou ela.

"Sim, vá descansar."

"Entendido", disse Bek, e partiu.

O tempo demorou a passar na primeira hora. O corredor estava deserto. Dorian se pegou olhando repetidas vezes para a porta do depósito, pensando em Spanneti lá dentro, perdido em contemplação diante da relíquia.

Quando não estava olhando para a porta, Dorian considerava qual seria sua próxima ação. Ele se preocupava com a equipe, especialmente depois da conversa — se é que dava pra chamar assim — com Benz. A princípio a dor de cabeça de Dorian ficara mais forte, mas depois da primeira hora, tinha aliviado um pouco; quanto mais tempo se passava, mais em paz ele se sentia. Logo ele estava encostado à parede perto da porta do depósito, com a cabeça inclinada para trás. Olhos fechados. Ele se deu conta disso e ficou alerta, erguendo a cabeça imediatamente. Caminhou um pouco pelo corredor. Mas não demorou muito e parou, voltando a se postar encostado à parede, sonolento, pálpebras se fechando...

Seu corpo estava em outra parte. Sua... alma? Espírito? Seja lá o que fosse, estava flutuando. Ele estava calmo, contente, livre de dor. O vazio era simplesmente a ausência de todas as coisas. Não havia nada, e então houve uma voz, emanando de lugar nenhum e de toda parte.

"A contagem regressiva começou. Você é um dos Escolhidos."



Aquela voz pareceu ressoar por todo o seu ser. "Escolhido?", perguntou ele.

"Escolhido para servir ao Eterno", disse a voz.

E então ele compreendeu: seus arredores, a sensação de serenidade, era tudo trucagem barata, tudo besteira. "Eu não *sirvo* ninguém", respondeu.

"Você vai obedecer", respondeu a voz. Dessa vez com mais força, mas ainda tranquilizante.

"O que você está tentando fazer aqui não vai funcionar. Pode desistir. Eu estou sabendo de tudo. Está ouvindo? Fique longe de mim e da minha equipe. Ou eu vou atrás de você e acabo com sua raça. Ouviu bem, seu creti..."

"P!!"

O grito era como uma faca incandescente atravessando o centro do seu cérebro. Ele se curvou, apertou os olhos bem fechados e tapou os ouvidos com as mãos, mas isso só fez a dor piorar, pois o guinchado estava *dentro* da sua cabeça.

Depois de um minuto, o som parou. A dor de cabeça de Dorian voltou com tudo.

Lentamente ele abriu os olhos, esperando estar no corredor fora do Depósito B.

Mas não estava. Ele estava *dentro* do depósito. A relíquia pairava sobre o pedestal como uma marca negra na própria realidade, uma ferida aberta no tempo e no espaço. O comandante imaginou como ele devia estar parecendo visto de fora há alguns segundos, parado diante do objeto, catatônico, exatamente como Spanneti.

Dorian esfregou as têmporas e caminhou em direção à porta. Ele queria falar com Zimmerman sobre a emergência na sala-estanque antes de falar com a equipe sobre o que tinha lhe acontecido.

E... ele ia precisar de mais do coquetel especial dela.

\*\*\*

Em minutos, Dorian chegou ao Quartel de Oficiais C. Parou diante da porta de Zimmerman e apertou a campainha.

Ninguém respondeu.

O comandante ainda usava o uniforme tático. A voz do tenente-coronel Sparks soou no canal de comunicação de seu fone. "Comandante Dorian, aqui é Sparks. Estou tentando contatar a tenente Zimmerman já faz uma hora."

O tenente-coronel sabia que ele estava parado diante da porta dela?

"Eu... não a vi, senhor."

"Se vir, entre em contato comigo imediatamente." Sparks encerrou a transmissão. Dorian pegou o telefone e digitou o número da médica.

Um trinado, abafado mas audível, soou do outro lado da porta de Zimmerman.

Ela podia estar no chuveiro... mas Sparks já estava atrás dela há mais de uma hora. Ninguém ficava tanto tempo no chuveiro.

O pessoal da segurança tinha um código-mestre para abrir todas as portas do quartel em caso de emergência. Considerando os eventos recentes, o comandante julgou ter justificativa para usar o código. Ele entrou com o código no painel ao lado da porta, que abriu imediatamente.

Dorian entrou na sala. Zimmerman estava deitada na cama, de camiseta de manga cavada e shorts. Seus lábios estavam azulados; sua tez se mostrava pálida como um fantasma; a boca e os olhos estavam abertos. A parte inferior das pernas estava arroxeadas. O braço esquerdo estava paralelo ao corpo e o direito estava jogado de lado, sobressaindo na beirada da cama. Um corte bem preciso se desenhava verticalmente na parte interna do pulso. Os lençóis sob o corpo estavam rubros, encharcados de sangue, bem como uma grande área no chão de metal.

O comandante correu até ela e pressionou os dedos contra seu pescoço. Sem pulsação. Ele começou a comprimir ritmadamente o torso de Zimmerman, sabendo em seu íntimo que era inútil. Ela estivera morta tempo demais para ter alguma chance. Ele insistiu ainda assim por vários minutos até seus braços cederem ao cansaço. Ele se ajoelhou, aos prantos,

pensamentos frenéticos fervilhando em sua mente. Ela tinha feito aquilo? Ou tinha sido outra pessoa? Se tinha sido ela, por quê?

Olhou para cima e notou que as pontas de dois dedos de Zimmerman estavam cobertas de sangue. A imagem fez ele pensar no professor Benz...

Dorian virou para trás e olhou para a parede em frente ao pé da cama.

Escritas na parede havia quatro palavras, repetidas vez após vez, grossas letras rubras contra um fundo branco:

"EU NÃO VOU OBEDECER. EU NÃO VOU OBEDECER. EU NÃO VOU OBEDECER..."

\*\*\*

"Não acredito que ela morreu."

Dava para ver que Bekkins estava cansada. Ela também estava atônita. Todos estavam (exceto, provavelmente, Cranston). A equipe se reunira nos aposentos de Dorian, e a descrença era evidente em seu silêncio e em seus olhares vazios. O único que não parecia atordoado era Cranston, obviamente. Ele apenas olhara para Dorian com uma expressão ansiosa, como um cão esperando que o mestre arremessasse a bola.

"O que Sparks disse?", inquiriu Bek.

"Eu ainda não reporte a situação", disse Dorian. Ao perceber as expressões chocadas, ele acrescentou: "Acho que Moebius está mantendo um alienígena na Ala Negra do Setor Seis... e eu acho que ele está mexendo com as nossas mentes. Está fazendo a gente se sentir mal, fazendo a gente ver coisas, ouvir coisas, exaurindo a gente... pra no final nos controlar."

Spanneti aquiesceu. Bek ficou impassível. Hopper olhou para o outro lado. Cranston sorriu. Dorian continuou. "Eu também acho que ele está usando a relíquia que a gente pegou... como um tipo de amplificador."

"Talvez o senhor tenha razão, senhor", disse Spanneti. "Faz sentido."

"Eu não reportei Zimmerman por alguns motivos", continuou Dorian. "Eu não sei se o alienígena pegou mais alguém, nem o quão alto na cadeia de comando ele chegou, se foi o caso. Sparks não pareceu muito motivado a investigar as razões do surto de Benz..."

"Você acha que o alienígena pegou Sparks?", disse Hopper.

"Eu não faço ideia", admitiu Dorian. "Nosso velho comandante, Braxton... ele não gostava de mim, mas teria me escutado. Infelizmente eu não tenho como contatá-lo diretamente; Sparks deu a entender que ele estava cuidando de alguma missão secreta."

"Então... então a gente procura alguém mais alto", insistiu Hopper.

"Você diz passar pelos *canais apropriados*?" As palavras de Bekkins denotavam ironia.

"Tem ideia do quanto isso vai demorar?"

"Ela tem razão", confirmou Dorian. "Mesmo se passarmos por Sparks, quantos mais não vão morrer enquanto isso?"

"Tudo bem", disse Spanneti. "Então nós pegamos a relíquia e a despachamos para longe, ou a escondemos..."

"Ninguém mexe na relíquia", disse Dorian. "Se a gente mexer nela, o alienígena vai saber que tem algo acontecendo."

"Você disse que tinha alguns motivos para não reportar Zimmerman", disse Bekkins. "Qual foi o outro motivo?"

"Para conseguir algum tempo pra mim. Pra *mim*. Não vocês. O que eu vou fazer vai contra todas as normas da corporação e eu posso pegar corte marcial ou pior por causa disso. Praga, posso até morrer. Mas se eu estiver certo... vai dar pra salvar um monte de gente e impedir seja lá qual for o plano do alienígena. Então pra mim vale a pena." Dorian percorreu com os olhos as faces dos companheiros e completou: "Meu plano... é matar aquele filho da mãe."

\*\*\*

O comandante não esperava que a equipe concordasse com o plano. Ele não queria que eles se arriscassem. Mas Zimmerman, apesar de ser um declarado pé no saco, já tinha salvado a vida de *todos* eles em alguma ocasião. Todos falaram de como se sentiam culpados por não ter podido salvar a dela, e juraram se vingar seja lá do que fosse que tinha tirado a médica deles.

Então, no fim, todos concordaram. Até mesmo Hopper. Nenhum aceitou um "não" por resposta... embora a princípio se mostrassem confusos quanto ao plano de Dorian.

Se infiltrar no Setor Seis não seria fácil. Haveria defesas automáticas. E podia haver resistência humana. Torretas automáticas não eram nada demais, mas vidas inocentes?

"Munição de efeito moral", disse o comandante. "Bala 'apagão', do mesmo tipo que se usa em protestos." Às vezes as populações locais se opunham às tentativas da Corporação Moebius de obter itens importantes. Quando os nativos não estavam usando força letal, a Moebius empregava munição de efeito moral para dispersar os grupos. As balas "apagão" davam curto-circuito no sistema nervoso e deixavam o alvo inconsciente por vinte até quarenta e cinco minutos.

Quando a equipe entendeu, todos tomaram suas doses do preparado de Zimmerman e pegaram a munição adequada no arsenal. Depois disso, havia outro elemento de segurança a ser abordado: as câmeras.

Graças à relação de Zimmerman com Watkins (e a visita a Benz), Dorian conhecia os horários do pessoal de segurança. A hora do "jantar" no refeitório era bem antes do início do turno de Watkins. O comandante tinha surrupiado sedativos dos aposentos de Zimmerman antes de sair. Ele só não sabia qual a dosagem necessária nem quanto tempo a droga levaria para surtir efeito. Depois de pesquisar essas questões, foi fácil: Spanneti derrubou sua bandeja de comida, causando uma distração que permitiu a Bekkins batizar a bebida de Watkins.

Dorian também apostava na probabilidade do corpo de Zimmerman não ser encontrado até ele executar seu plano — ou, se o corpo fosse encontrado, de ninguém notar imediatamente que o crachá de acesso da médica tinha sumido.

O comandante tinha considerado conduzir uma evacuação de emergência, mas claro que isso atrairia mais atenção — e mais rápido do que ele queria. Assim, Dorian e a equipe entraram no setor armados e usando armadura tática completa. A ideia era seguir em frente com as armas embainhadas, assegurando a quem perguntasse que não havia nada com que se preocupar (e esperando que em algum lugar, numa sala cheia de monitores, Watkins estivesse roncando na cadeira).

Até ali, tudo bem.

Eles seguiram pelas áreas de trabalho externas e então entraram na Ala Iso a caminho do núcleo do setor — assim eles esperavam. Dorian suspeitava que havia outras rotas que eles podiam ter tomado, mas a vantagem da Ala Iso é que ela parecia receber menos tráfego. Depois do encontro de Dorian com Benz, ele compreendeu por quê.

Dentro da ala, eles passaram por celas vazias ao seguir em direção à que prendia o professor. Antes de chegarem, no entanto, Dorian e sua equipe encontraram outra sala ocupada...

Havia uma mulher na cela. Ela tinha rasgado tiras do macacão, deixando à mostra a pele arranhada e rasgada. Algumas feridas eram recentes; outras começavam a cicatrizar. Estava decorando sua cela da mesma maneira que Benz, e então se virou e encarou Dorian, o nariz achatado, esmagado, com fiapos grossos de sangue descendo das narinas, banhando sua boca e pingando do queixo.

A mulher fixou o olhar vago por alguns segundos e pressionou embaixo do nariz com o dedo. Então voltou a se concentrar na tarefa grotesca, usando o dedo para completar algum símbolo esotérico. Era aquela a "emergência" que Zimmerman fora chamada a atender? Possivelmente. Agora já não importava mais.

Dorian tinha explicado à equipe o que descobrira ao falar com Benz. Passaram todos em silêncio pela cela da mulher, e depois de alguns passos, o comandante já espiava a cela de Benz.

O mosaico de símbolos crípticos agora se estendia até o postigo de vidro da porta da cela. No canto direito, as figuras se aglomeravam, tornando o vidro quase opaco. As garatujas e

traços rareavam à medida que iam para o lado esquerdo. O comandante estava analisando um dos estranhos desenhos quando um vulto, que ele presumiu ser Benz, saltou na direção do vidro, batendo a palma úmida bem diante do seu rosto. Ele recuou, sem acreditar na figura grotesca que via diante de si. O professor tinha arrancado quase todo o macacão do corpo, bem como a pele. Os músculos apareciam no rosto dilacerado do velho, sem epiderme, exceto em alguns pontos onde alguns pedaços ainda se dependuravam no nariz e no topo da cabeça. Uma das orelhas tinha sido arrancada.

Desdentado, balbuciou duas palavras, baixas mais ainda audíveis: "Eu obedeco. Eu obedeco. Eu obedeco..."

Atrás do comandante, a equipe soltou gritos de choque e terror. Dorian se afastou, olhou para trás e fez um gesto para que a equipe o seguisse.

Mais para dentro, além da Ala Iso e passando por um curto labirinto de corredores, o crachá de Zimmerman deu acesso a uma área de troca de roupas. Do outro lado havia uma escotilha. Do lado direito da sala havia trajes de proteção dependurados em fileira, usados para proteger o usuário dos pés à cabeça.

Bekkins olhou para Dorian com uma expressão de dúvida. "Então é pra colocarmos isso antes de continuar?"

"Sim", respondeu o comandante, e se voltou para os outros. "Ok, coloquem as roupas, mas fiquem com as armas preparadas."

A equipe obedeceu. Dorian não tinha certeza de até onde o crachá de Zimmerman lhe permitiria ir, mas conseguiu abrir a primeira escotilha, e depois a segunda.

A equipe passou então a um espaço enorme, amplo e aberto, com pé direito da altura de dois andares. Enormes ventiladores regulavam o ar do teto. Técnicos trabalhavam em estações dedicadas a experimentos bio-orgânicos (pelo que Dorian pôde discernir). Havia organismos (e partes de organismos) que o comandante não reconheceu, junto com alguns que ele reconheceu: várias partes de zerg estavam presas a tubos e monitores, algumas sendo dissecadas por braços robóticos dentro de câmaras protetoras, outras imersas em grandes tanques cheios de um líquido transparente. Ao longo da parede, à esquerda, uma



câmara de observação com a metade do tamanho da sala parecia ter sido reservada para a gosma, o tapete orgânico usado pelos zergs para absorver nutrientes. A gosma cobria diferentes partes do vidro, e até onde Dorian podia ver, a biomassa havia se espalhado pelas paredes. Uma luz suave pulsava pela gosma espessa, banhando todo o recinto com uma sinistra luz arroxeadada.

Aquela era a Ala Negra? Dorian achava que não. Não havia sinal de um alienígena inteiro e vivo. Olhando para o outro lado da sala, o comandante viu outra escotilha.

A maioria dos técnicos estava absorvida no trabalho. Alguns notaram a equipe e pararam de trabalhar, mas não disseram nada. Dorian estava a dez metros de distância da próxima escotilha quando seus ouvidos captaram uma voz familiar. O sujeito estava à esquerda do comandante, com as mãos nos quadris, gritando por detrás da máscara do traje com um técnico desajeitado. Era Sparks, e Dorian notou a arma que ele tinha presa à coxa, por fora do traje.

Por fim, Sparks se virou e deu dois passos, e então estacou ao ver Dorian e o resto do Esquadrão Bruto. Os olhos do tenente-coronel foram direto nas armas que a equipe carregava. Dorian se aproximou de Sparks com o braço esquerdo levantado e a mão estendida, mas Sparks sacou a arma do coldre imediatamente. "Larguem as armas!", gritou, e ergueu a sua própria. Dorian avançou para agarrar o braço do tenente-coronel, que deu um repelão com o braço para cima, disparando um tiro que acertou os ventiladores no teto.

Foi quando os gritos começaram. Dorian percebeu vagamente uma comoção perto da escotilha por onde ele entrara. Houve tiros, e o comandante julgou que fosse sua equipe disparando munição não-letal para impedir os técnicos de escapar e dar o alarme. Tudo foi percebido por alto, enquanto lutava com o Sparks. O tenente-coronel segurava o pulso de Dorian, tentando tomar sua arma, o que resultou em uma prova de força que foi levando ambos para perto da estação de trabalho onde Sparks estivera espinafrando o técnico. Sparks estava em forma para idade e lutava com tudo. Várias vezes tentou acertar uma joelhada em Dorian para que este se curvasse. O comandante se encolhia para trás, tentando evitar o golpe, e finalmente respondeu com um chute, que acertou o tenente-coronel na barriga.

Sparks cambaleou para trás e rachou com a cabeça o tanque cilíndrico que guardava o que já fora um parasitoide zerg. O tenente-coronel caiu no chão e levou um banho do líquido amarelado. O contêiner cedeu em seguida, derramando o resto do fluido e o cadáver do alienígena morto em cima dele. Praguejando, Sparks empurrou o zerg para o lado e começou a se levantar. Dorian ergueu a arma e disparou. A bala "apagão" fez o serviço: o tenente-coronel grunhiu, estrebuchou por alguns segundos e desmaiou.

Recuperando o fôlego, Dorian voltou sua atenção para o lugar de onde viera. Vários corpos em trajes de sala-estanque jaziam deitados por toda a parte, perto da escotilha. Mas algo estava muito, muito errado: havia sangue derramado entre os corpos, em poças pelo chão.

Mortos. Os técnicos estavam mortos.

A equipe estava em pé, olhando para os corpos, e então para Dorian, que se aproximou e tirou a máscara.

"Como...?"

"Foi o Cranston, senhor...", disse Bek, removendo a máscara. "Ele perdeu o controle e começou a atirar com munição de verdade." Ela apontou com a arma para um dos corpos prostrados. O comandante viu que era Cranston sob o visor, sangrando de múltiplos ferimentos. "Nós tivemos que trocar os cartuchos e derrubá-lo antes que ele se voltasse contra nós."

Dorian sentiu o cérebro boiando dentro da cabeça. A dor pulsante retornou, esmigalhando seus pensamentos. Os outros membros da equipe tinham tirado as máscaras. "Alguns técnicos escaparam, senhor", disse Spanneti. "O senhor quer que a gente vá atrás deles?"

Quantos mortos? Dorian examinou a chacina: oito corpos, incluindo o de Cranston. Não era para ter sido assim...

"Senhor?", repetiu Spanneti.

Finalmente o comandante sacudiu a cabeça. "Não. Não... temos que continuar." Dorian arrancou o traje, saindo de dentro dele a caminho da próxima escotilha. Ele tentou usar o crachá de Zimmerman ali, mas não funcionou. Então, notou o leitor biométrico.

Spanneti e Dorian levaram Sparks, ainda inconsciente, até o leitor de retina. Eles o ergueram, abriram as pálpebras inertes, esperaram alguns segundos tensos... e ficaram aliviados ao ver a luz verde.

A porta se abriu. Quando o comandante e a equipe passaram, foi necessário repetir o processo para abrir a próxima porta. Depois, finalmente entraram na Ala Negra.

\*\*\*

O Nome "Ala Negra" era bem apropriado. As cercanias eram compostas exclusivamente de metal negro polido. Luzes azuis pulsantes brilhavam nos pontos em que as paredes tocavam o teto e o chão. Corredores seguiam nas duas direções. Diante de Dorian se postava uma estrutura semicircular sem porta discernível.

Ele sentiu seu estômago revoltado de nojo. Imagens dos técnicos ensanguentados apareciam em sua mente sem cessar. Não era certo. Não era para ter sido daquele jeito.

Um alarme soou. Um dos técnicos, ao escapar, devia ter avisado alguém de uma invasão. Placas no chão e nas paredes se abriram e torretas automáticas emergiram. Perto de Dorian, Spanneti apoiou um joelho no chão, disparou duas vezes, ejetou o cartucho e levou a mão à coxa para pegar o próximo. Enfiou o cartucho na arma e continuou disparando...

Os cadáveres. Não era para ter sido daquele jeito. Era errado. Tudo naquela história estava errado...

Os tiros ecoaram pelas paredes e corredores. Dorian se virou, sentindo como se se movesse em câmera lenta. No salão à esquerda estava... Zimmerman. Zimmerman? Ela o encarava com atenção. Sua pele estava pálida e marcada de veias... azuis, como seus lábios. Sua postura rígida contrastava com sua fluidez de movimentos quando se virou e seguiu passagem adentro.

A pulsação na cabeça de Dorian ficou mais forte. Errado. Estava tudo muito errado.

Dorian a seguiu, apertando o passo para alcançá-la. Mais adiante, as paredes se curvavam. Dorian dobrou a esquina e viu Zimmerman entrar em uma sala à direita.

*Nós tivemos que trocar os cartuchos...*

O comandante chegou a uma passagem curta. Zimmerman estava na outra ponta, diante de uma parede negra, curva e lisa. Ela deu um passo para trás e *entrou* pela barreira.

Dorian seguiu adiante aos tropeções, várias imagens passando por sua mente frenética — as vítimas espalhadas, ensanguentadas; a equipe, em trajes da sala-estanque, olhando para baixo; Spanneti, ejetando o cartucho e trocando por outro tirado do bolso lateral da calça; Cranston, sorrindo seu sorriso inocente e plácido...

O comandante se aproximou, tocou a parede e ouviu passos atrás dele. Hopper, Bekkins e Spanneti estavam lá quando ele se virou, observando-o com atenção. Dorian olhou para eles, sacudindo a cabeça.

"Não dava para trocar os cartuchos", disse ele. "Os cartuchos com a munição verdadeira eram para estar... nos bolsos da calça. Vocês iam ter que tirar o traje pra pegar os cartuchos."

"Vai com calma, senhor", disse Bekkins. "Sua mente pode estar meio confusa." Os três estavam de pé perto um do outro, bloqueando a saída, olhando para ele com cautela.

"Vocês tinham munição de verdade o tempo todo." A mão de Dorian apertou o cabo da arma. "E Cranston... ele devia... ele era o único que *não* estava matando ninguém. O alienígena não pegou ele... porque fritaram o cérebro dele um monte de vezes..."

"Está tudo bem agora", disse Spanneti. "Nós chegamos ao fim. Tudo vai ficar bem."

Dorian ergueu o rifle. "Abaixem as armas", disse ele.

"Não adianta resistir, senhor", disse Hopper. "A gente tentou."

"Eu mato vocês se for preciso", disse o comandante, gesticulando com a arma na direção dos três. Um ruído baixo, de algo pesado escorregando em trilhos, soou atrás dele. Dorian sentiu uma leve brisa às suas costas e um brilho suave banhou os rostos atentos da equipe.

"Eu mato. Eu..."

Dorian se virou e ergueu os olhos. O alienígena estava ali parado na porta. Parecia com o desenho na parede de Benz: um cruzamento de anatomia zerg e protoss, com o rosto fino, uma carapaça expansiva na cabeça, placas segmentadas sobre membros esguios e enormes garras negras. Alto e maciço, uma presença imponente, estranha, única, totalmente alienígena. E seus olhos... seus olhos fizeram Dorian pensar na superfície negra da relíquia. Um vazio imensurável aguardava atrás daqueles olhos e Dorian se sentiu caindo dentro deles, perdendo-se completamente.

"Eu..."

Havia apenas o abismo. Havia apenas a sombra do Eterno, se expandindo na aniquilação. Os escolhidos para habitar em sua presença eram os de sorte. Havia os alienígenas, os híbridos, mensageiros que impunham a vontade do Eterno. E havia os Escolhidos. Os Escolhidos para servir.

Dorian se virou para encarar os companheiros. Olhou para eles com olhos que espelhavam os orbes negros do híbrido. E em uma voz que já não era sua ele disse:

"Eu obedeço."